

O menino que queria falar espanhol

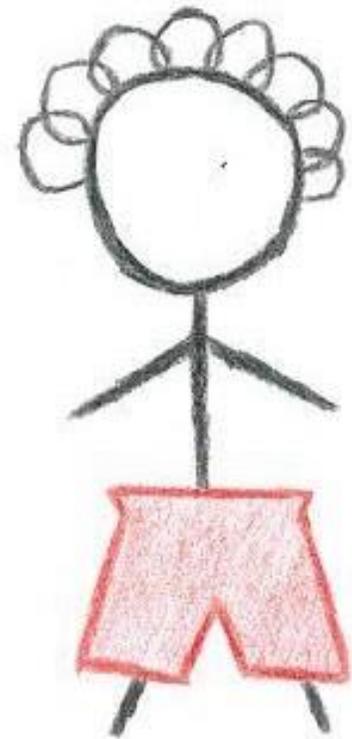


Pavel Zanescó Ferreira

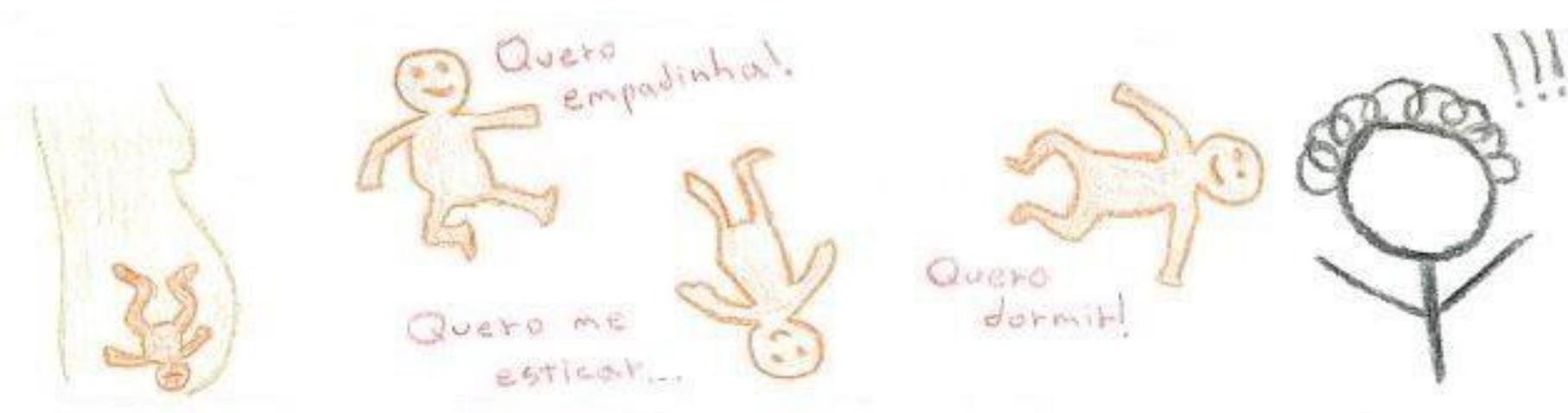
O menino que queria falar espanhol

Meu nome é Norberto.

Como toda criança, eu sei falar muitas línguas diferentes. Muitas mesmo: sei falar a língua das mães, sei falar a língua dos pais, sei falar a língua das formigas, sei falar a língua das raízes embaixo da terra, sei falar a língua do silêncio... e mais um montão.



Falar línguas é importante pra poder falar com as coisas e também para entender o que as coisas falam com a gente. Tudo tem a sua língua própria, até bebê que ainda está na barriga.



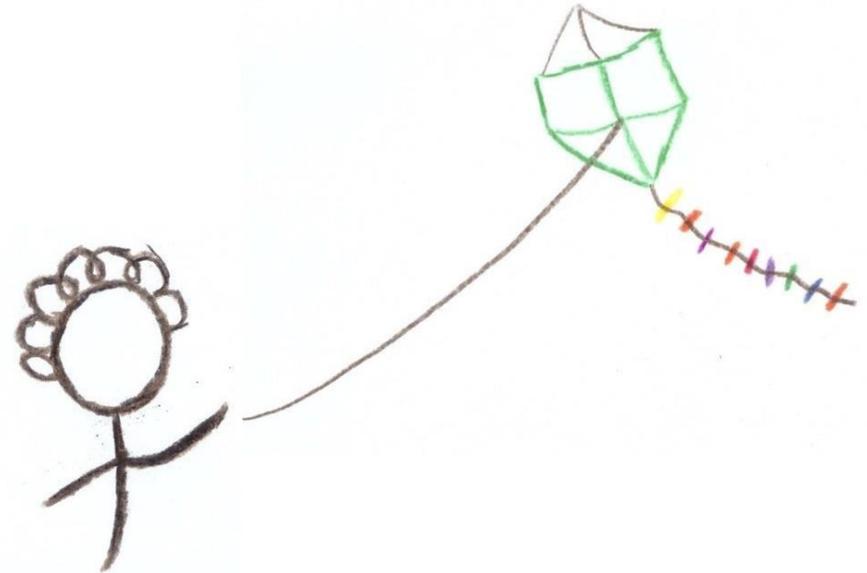
Pra quem não saber fala a língua das coisas, tudo fica mais difícil. O meu pai, por exemplo, sempre perde a carteira antes de sair de casa. Se ele conhecesse a língua das carteiras, não teria nenhuma dificuldade em encontrá-la: bastaria chamar bem forte a carteira pelo nome e depois ficar quietinho, prestando atenção na resposta.



As carteiras sempre respondem. Garanto! Já lápis de cor, nem sempre. Os piores mesmo são os chinelos: só respondem quando querem. Às vezes, a gente precisa andar descalço por causa da teimosia deles. Mas, tudo bem, eu não me importo de andar descalço. Acho até que faz bem pra saúde. Vocês não?

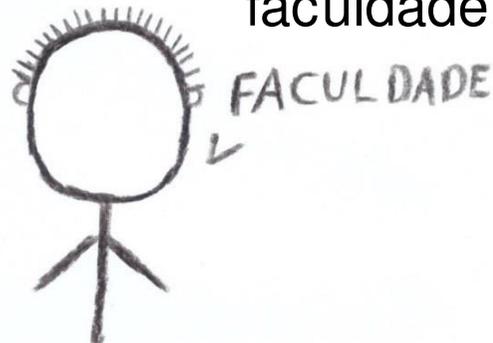


Como eu estava dizendo, eu sei falar muitas línguas. Gosto de falar com o vento, pra me ajudar a colocar a pipa no alto, e com a água do chuveiro pra esquentar o banho. Ah, eu também falo com o Augusto.



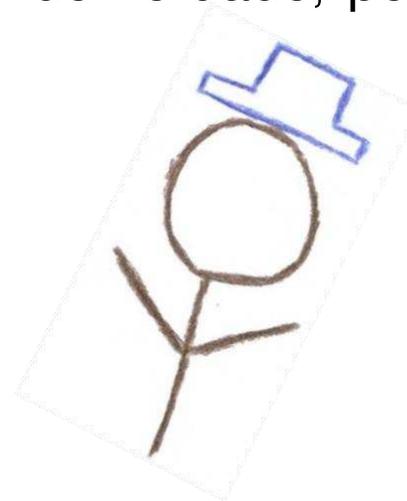
Augusto é meu irmão mais velho, mas ele só gosta de falar da faculdade.

↓ Oi, Augusto!



Não sei direito o que é faculdade, mas com certeza eu não quero ir pra lá. O Augusto ficou muito chato desde que foi, e eu não quero ficar chato igual a ele.

Gosto mais de falar com os meus pais, porque eles entendem mais línguas que o Augusto. Se não entendem de verdade, pelo menos eles tentam. O Augusto nem tenta.



Eu converso com todo mundo que mora na minha rua, além de todos os cachorros e todas as árvores. Eu só não falo com o cachorro da casa da rua de trás, porque tenho medo dele.



Como eu sei muitas línguas, os vizinhos gostam de falar comigo. Eu sei falar a língua de quando eles estão alegres, de quando eles estão tristes, de quando estão com pressa e também de quando eles não querem conversar. É importante saber que as emoções também têm língua própria. Mas um dia aconteceu uma coisa que me fez duvidar do meu poder de falar com tudo.

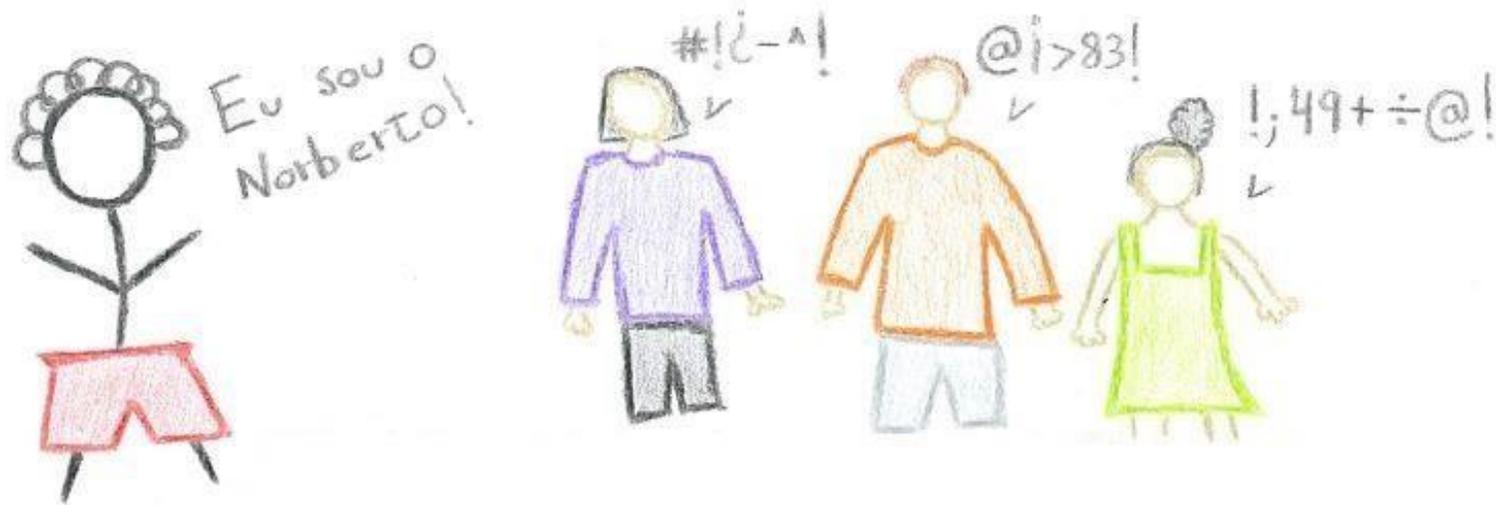


Eu moro em uma casa pequena, de muro amarelo e janelas redondas, bem no meio da rua. Do lado da minha casa morava uma mulher muito velha, que nunca aparecia na rua e ninguém conhecia direito. A casa dela é maior que a minha, é de madeira e tem uma garagem bem grande, mas nenhum carro fica lá dentro.

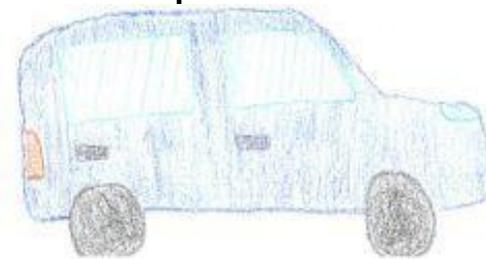


Ouvi minha mãe dizer que essa mulher muito velha morreu, e então a casa ficou um tempo vazia. Só que agora mora lá uma família de gente muito engraçada. Não dá pra entender nada de nada do que eles falam!

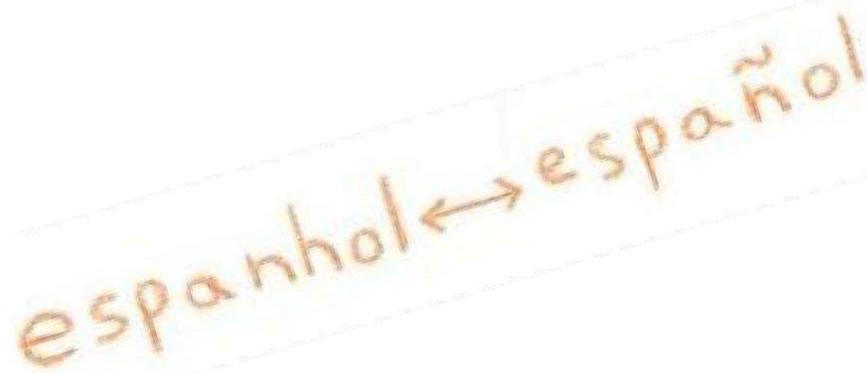
Eles são três: um pai, uma mãe e uma filha. A filha é mais velha que eu. Acho que ela tem mais de dez anos.



Quando eles chegaram na casa era um dia nublado. Eu gosto de dias nublados, e nesse dia eu estava brincando de esconde-esconde com minha própria sombra na rua. Eles chegaram em um carro grande, azul, com muitas malas dentro, e eu quis conversar com eles. Quando eu me apresentei, eles me olharam com um sorriso e começaram a falar coisas tão esquisitas que eu nem consigo lembrar pra contar pra vocês.



Minha mãe disse que eles vieram de um outro país, chamado Chile. Eu nunca tinha ouvido falar de um lugar chamado Chile, mas é de lá que eles vieram. Mamãe também disse que lá as pessoas falam espanhol, uma língua diferente, e que pra elas é normal. É assim que elas falam com todo mundo desde pequenas.



espanhol ↔ español

Então eu percebi que aquelas coisas esquisitas que eles tinham dito era espanhol. Foi a primeira vez que ouvi alguém falar espanhol. Aliás, foi a primeira vez que ouvi alguém falar uma língua estranha. O que será que eles tinham dito pra mim? Aquilo não saía da minha cabeça.

No quintal da minha casa tem uma árvore. Se eu subir nessa árvore eu consigo ver o quintal dos vizinhos novos. Subi a árvore e espiei aquela menina brincando. Ela estava falando sozinha ou então falando com alguma coisa, não sei bem, porque eu não entendia nada. Talvez ela também fale muitas línguas, como eu, mas a gente não fala a língua um do outro.



Eu prestei muita atenção no que ela dizia pra tentar entender como se fala o espanhol. Percebi que muitas palavras que a menina falava terminavam com “ita” ou então com “ito”, e decidi fazer uma experiência.

No dia seguinte, esperei na rua até ela sair de casa. Quando ela apareceu, eu disse assim:

— ¡Oizito, meninita! Como estávocezita?

Ela riu bastante, e depois me respondeu:

— ¡Bien!



Eu nunca tinha ouvido ninguém falar “bien”, mas achei parecido com “bem”. Acho que foi isso que ela quis dizer. Depois a gente ficou um tempo olhando um pra cara do outro, até que eu voltei pra dentro de casa. Não sei bem por que, mas fiquei com um pouco de vergonha naquela hora. Acho que não falei espanhol direito.

No outro dia, eu encontrei de novo com a menina quando ia à feira com meu pai.

Dessa vez, ela que veio falar comigo. Ela disse:

— ¡Hola!

Eu nem tive tempo de responder nada. Meu pai disse logo que eu podia ficar pra brincar, e eu fiquei.



Nós brincamos bastante, mas sem falar muita coisa. Às vezes, ela dizia alguma palavra que eu não sabia bem o que era, mas de algum modo eu entendia o que ela queria dizer. Quando eu falava alguma coisa, parecia que ela entendia também.

posso ir primeiro?
¡sí, puedes!

¿sí? - Sim!

Eu e a menina começamos a nos ver todo dia. Não tinham outras crianças na minha rua, então pra mim era uma coisa nova. Era engraçado, porque ela era a pessoa mais parecida comigo, mas a que eu menos entendia. Na verdade, a gente se entendia, mas de um jeito diferente. Eu ainda estava começando a entender esse jeito de falar.

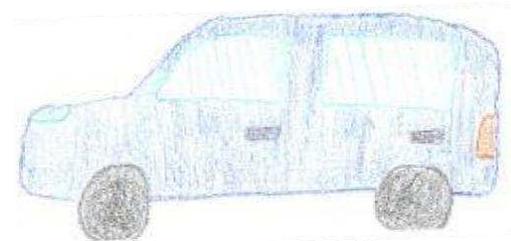
Mas o que eu queria mesmo era falar espanhol. Um dia vou aprender.



Quando eu falar espanhol, eu vou falar pra mãe dela que a Martina é muito boa em desenterrar cidades. Ah, é! Eu não tinha dito que o nome da menina é Martina. Eu gostei do nome dela. Ela apontou pro próprio peito e disse: “Martina”, e eu entendi que era o nome dela. Eu fiz a mesma coisa e disse: “Norberto”. Ela tentou repetir, mas não conseguiu muito bem.



Quando eu falar espanhol, também vou falar pro pai dela que acho muito engraçado o jeito que ele prende o cabelo da filha. O pai dela parece simpático, mas gasta muito tempo lavando aquele carro grande e azul deles. Queria poder perguntar a ele por que faz isso.



Sabem, eu e a Martina estamos nos tornando grandes amigos. Hoje mais cedo eu convidei ela pra ir na minha casa. Mostrei pra ela a árvore de onde dá pra ver mais longe e a coleção de formigas que deixo ficarem na terra. Depois comemos pão com manteiga. Cada coisa que eu mostrava pra Martina ela chamava de um nome diferente, em espanhol. Quando mostrei a árvore, ela disse “árbol”. Quando mostrei as formigas, ela disse “hormigas”. Quando comemos pão com manteiga, ela disse “pan com mantequilla” e depois disse “¡me gusta!”. Acho que ela quis dizer que gosta.



Eu queria falar espanhol e saber todos esses nomes diferentes. Será que quem fala a língua das pedras também consegue conversar com as pedras no Chile? Não sei. Mas, de qualquer jeito, eu quero poder conversar com os pais da Martina e com as outras pessoas que falam espanhol. O Augusto me disse que em vários outros países as pessoas também falam espanhol. Logo o Augusto, que não entende nada de línguas!

Um dia eu vou aprender espanhol e poder falar com todo mundo. Com a Martina eu já me entendo. A gente não precisa de muitas palavras pra dizer o que é importante, e o que é importante basta.

